
Henri Lefebvre and the criticism of everyday life: reflections from the film ‘I, Daniel Blake’ by Ken Loach

Henri Lefebvre e a crítica da vida cotidiana: reflexões a partir do filme ‘Eu, Daniel Blake’ de Ken Loach

Received: 18-05-2024 | Accepted: 21-06-2024 | Published: 24-06-2024

Roberto de Almeida Bottura

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4014-1479>
Universidade Federal do Tocantins, Brasil
E-mail: roberto.bottura@uft.edu.br

Thiago Henrique Omena

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6161-3228>
Universidade Federal do Tocantins, Brasil
E-mail: thiagoomena@uft.edu.br

Raquel Josiane Klein

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5871-6800>
Universidade Federal do Tocantins, Brasil
E-mail: arq.raquelklein@gmail.com

ABSTRACT

This essayistic work intends to perform an interpretation of the film “I, Daniel Blake” by English filmmaker Ken Loach in the light of Henri Lefebvre's critique of everyday life. Using the method of narrative decoupage, the work analyzes excerpts from the story that illustrate a worker's struggle against state bureaucracy and the precariousness of public services in the United Kingdom, reflecting spatial segregation in a urban life of few possibilities. The analysis reveals how capitalist structures shapes everyday life by reinforcing social exclusion.

Keywords: City; Cinema; Neoliberalism; Urbanization; Capitalism

RESUMO

Este trabalho, de natureza ensaística, pretende realizar uma interpretação do filme “Eu, Daniel Blake” do cineasta inglês Ken Loach à luz da crítica da vida cotidiana de Henri Lefebvre. Por meio do método da decupagem narrativa, o trabalho analisa trechos da história que ilustra a luta de um trabalhador contra a burocracia estatal e a precarização dos serviços públicos no Reino Unido, refletindo a segregação espacial em uma vida urbana de escassas possibilidades. A análise revela como as estruturas capitalistas moldam a vida cotidiana reforçando a exclusão social.

Palavras-chave: Cidade; Cinema; Neoliberalismo; Urbanização; Capitalismo

INTRODUÇÃO

Atualmente, observa-se um crescente interesse no pensamento do filósofo francês Henri Lefebvre e na discussão de um dos grandes desafios do século XXI: pensar a cidade. A abordagem de Lefebvre revela-se urgente e essencial para as prioridades das diversas ciências, oferecendo noções, métodos e perspectivas que permitem uma crítica do real, considerando o urbano como a principal problemática e uma grande oportunidade de transformação diante da crise atual.

Essa crise não se limita à produção ou ao excedente; trata-se de uma crise urbana que permeia os âmbitos social, cultural, econômico e artístico. Esta crise não é apenas de produção ou de excedente, é uma crise urbana, cujo conflito atravessa o social, o cultural, o econômico e o artístico.

Diante de tal panorama, sempre com “isto” e “aquilo” ao mesmo tempo, este artigo se apropria de alguns horizontes de análise que emergem da obra do autor, realizando uma operação de natureza transdutiva, ou seja, com o intuito de enxergar as possibilidades de transformação contidas no trabalho, torna-se necessário identificar as contradições históricas que o mesmo carrega, e cuja superação pode implicar na mudança do rumo da atual sociedade urbana.

Isto posto, este trabalho, de natureza ensaística, tem o objetivo de realizar uma análise do filme “Eu, Daniel Blake” de 2015 do cineasta inglês Ken Loach à luz da crítica da vida cotidiana de Lefebvre. Vale ressaltar que esta crítica prepassa toda a obra de Lefebvre, e dialoga com as possibilidades que o método dialético de Marx oferece para entender as interações no século XX, que já não podem mais ser pensadas apenas a partir das dinâmicas de produção da/na fábrica, e sim, a partir das contradições da urbanização/produção do espaço que realçam – e são realçadas – nas relações de trabalho, na dualidade entre habitar x *habitat* e no direito à cidade.

Na obra cinematográfica analisada pela pesquisa, é possível notar que essas questões supracitadas emergem de forma vigorosa, o que reforça o entendimento do cinema como manifestação artística, que instiga novas percepções da realidade por meio de sua reprodução. Sendo uma expressão humana, o cinema está intimamente ligado aos acontecimentos dos períodos e épocas históricas em que ocorre, muitas vezes refletindo-os ou questionando-os (Sampaio, 2013). Diante disso, analisar e/ou interpretar uma obra de arte implica vê-la não apenas como uma mimesis da sociedade, mas também como uma oportunidade de perceber a realidade sob diferentes perspectivas.

Importante ressaltar que, assim como David Hume defendeu o pensamento de que é impossível utilizar os casos observados como premissas invariáveis para os casos observáveis; analisar uma obra cinematográfica é trilhar o caminho que oportuniza a percepção da realidade sob a ótica do cineasta, que leva em conta os elementos narrativos (teorias de roteiro, linguagem, montagem etc.) e as personagens retratadas, e estas sim, carregam suas distintas perspectivas de vida.

METODOLOGIA

Esta pesquisa possui um caráter exploratório e descritivo, uma vez que estabelece relações entre as variáveis do objeto estudado. Os procedimentos metodológicos do trabalho podem ser divididos em duas partes: na primeira, é realizada uma Decupagem Narrativa (método proposto pela pesquisa que será detalhado mais adiante) do filme de Ken Loach para elencar, dentro da obra cinematográfica, os elementos narrativos importantes para discussão. Já na segunda parte, estes elementos serão analisados em conjunto com a crítica à vida cotidiana de Henri Lefebvre para dialogar com os possíveis desdobramentos do pensamento sobre as cidades contemporâneas e as relações (re)produzidas no e pelo espaço urbano.

O pensamento de Lefebvre é utilizado pela pesquisa em virtude do entendimento paradoxal do conceito de urbano pelo autor. O termo é entendido por ele como um momento de ruptura no processo histórico de acumulação do capital, sendo uma problemática que impacta na (re)produção do espaço, mas que também reside em si uma oportunidade de transformação de uma crise que se estende para além das relações de produção: é uma crise urbana que atravessa sociedade, cultura e economia.

Este trabalho utiliza as definições de Gil (1999) e Breen (2002) uma vez que parte da premissa que a pesquisa exploratória além de subsidiar questões pesquisáveis, visa oferecer uma visão geral do tema e formular problemas mais precisos (Gil, 1999). Para complementar esta discussão Breen (2002) defende que a abordagem ao fato estudado na pesquisa descritiva ocorre por meio da explicação detalhada do mesmo, através do estudo e análise dos documentos de origem e assuntos subjacentes.

O MÉTODO DE DECUPAGEM NARRATIVA NA ANÁLISE CIENTÍFICA

Com o intuito de separar e organizar os elementos narrativos na obra de Ken Loach, a pesquisa criou o método Decupagem Narrativa, no qual o termo Decupagem

possui origem francesa (*découpage*) e se relaciona com o verbo *découper*, possuindo o significado de recortar.

Dentro dos termos utilizados na linguagem audiovisual, decupagem se refere ao processo de pré-produção, onde as cenas do roteiro são divididas em planos, além de serem separados também os objetos de cena e elementos importantes (em cada cena) para a produção e planejamento da filmagem (Hornaday, 2019).

Assim, o método de Decupagem Narrativa se consiste em separar, na obra analisada (Eu, Daniel Blake) as cenas que mais se aproximam da temática da discussão da pesquisa e descrevê-las em forma de ação dramática, elencando e analisando os elementos da história que impulsionam a personagem durante o seu arco narrativo. Ainda nesta metodologia, ao mesmo tempo em que as ações dramáticas são elencadas, realiza-se uma análise qualitativa pautada pela crítica à vida cotidiana de Lefebvre.

A CRÍTICA DA VIDA COTIDIANA DE LEFEBVRE

Henri Lefebvre argumenta que estudar a vida cotidiana revela os conflitos entre o racional e o irracional em nossa sociedade, identificando onde surgem os problemas concretos da produção. A vida cotidiana, composta por atividades repetitivas e mecânicas, envolve o tempo cíclico do corpo e da natureza. Mesmo programada, ela contém possibilidades de mudança (Lefebvre, 1991).

Segundo o autor, a crítica da vida cotidiana, segundo Lefebvre, abrange a sociedade como um todo e é essencial para o conhecimento e a ação. A modernidade influencia o cotidiano ao dominar o espaço, o tempo e o desejo, transformando-o de sujeito a objeto e controlando o tempo de trabalho, lazer e formalidades.

O consumo e a tecnologia moldam o cotidiano, impondo uma lógica de mercadoria que permeia todos os aspectos da vida. A cidade se torna uma moldura para essa nova sociedade, reduzida a um valor de troca.

Ana Fani complementa Lefebvre, destacando que as contradições da sociedade capitalista se revelam na prática socioespacial. Lefebvre observa que, a partir de 1960, o cotidiano passa a ser organizado pelo consumo, estruturando a vida diária como peças de um quebra-cabeça, cada uma ligada a uma organização específica, conforme pontuou Carlos (2020).

Após essa contextualização do pensamento acerca da crítica da vida cotidiana de Lefebvre, e após a assimilação do método de decupagem narrativa é possível

compreender que esta pesquisa utiliza os elementos narrativos da obra de Ken Loach (organizados por meio da decupagem narrativa), para demonstrar o conceito de anulação do cotidiano, no qual Lefebvre defende que é possível identificar, nos dramas expostos, a reprodução de mecanismos que perpetuam práticas do sistema político vigente alinhado ao espectro de uma nova racionalidade competitiva e fragmentária.

DISCUSSÃO

O cineasta inglês Ken Loach usa sua obra para chamar a atenção para a vida cotidiana da classe trabalhadora no Reino Unido atual, mediada por um Estado mínimo, pelo excesso de burocratização no acesso ao que resta das políticas de bem-estar social ao mesmo tempo que aponta para o recrudescimento da sociedade pós-industrial no atual estágio do neoliberalismo¹.

Em sua crítica à vida cotidiana no mundo moderno, Lefebvre alerta para o fato de que as “consequências da industrialização, numa sociedade dominada pelas relações de produção e de propriedade capitalistas (um pouco modificadas, mas conservadas em sua essência), se aproximam de seu termo: uma cotidianidade programada num ambiente urbano adaptado para este fim” (Lefebvre, 1991, p. 73) ou seja a organização do território envolve a criação de amplos e eficazes mecanismos e dispositivos, reconstruindo a vida urbana conforme um modelo apropriado, com centros de decisão, circulação e informação voltados para atender ao poder, pautados pela lógica do empresariamento das relações sociais e da reificação da vida urbana.

O próprio cenário escolhido para os filmes de Loach, a cidade inglesa de Newcastle upon Tyne, é o locus de reprodução em que são percebidas muitas das contradições demonstradas nos dramas apresentados.

Nesta narrativa, o local escolhido é uma antiga cidade industrial que absorve uma mão de obra ociosa que não encontra trabalho na capital inglesa. Os fluxos populacionais, que outrora viam Newcastle como uma opção mais barata de residência, passaram a ser reorganizados pela especulação imobiliária, explosão demográfica, privatização de seus espaços e constante precarização dos serviços públicos disponíveis.

¹ Para o conceito de neoliberalismo ver Dardot e Laval, “*A nova razão do mundo*” (2009).

DECUPAGEM NARRATIVA DA OBRA

O filme “Eu, Daniel Blake” (2015) conta a história de um marceneiro que luta isoladamente contra um Estado debilitado em políticas de proteção social e que sofre com um sistema cheio de regras contraditórias e ineficazes.

O protagonista, Daniel Blake, é um trabalhador de meia-idade que beira a aposentadoria e sofre um ataque cardíaco enquanto trabalhava em uma obra de construção civil. Desta forma, foi afastado do trabalho por ordem médica da empresa, que avaliou não ter mais condições para que ele retornasse às atividades, iniciando assim uma peregrinação aos serviços públicos de saúde e assistência social.

A Figura 1 retrata cenas em que se mostra a frustração de Daniel que, em casa, recebe uma carta (figura 1a) informando-o que ele não está habilitado para o recebimento do auxílio saúde. Assim, começa uma jornada para tentar agendar um recurso (figura 1b) e, como segunda opção, requerer o auxílio desemprego.

Figura 1 – Desapontamento de Daniel



Fonte: Fotograma do filme “Eu, Daniel Blake” (2015)

Buscando resolver sua situação, a personagem enfrenta longas chamadas telefônicas com atendimentos impessoais, ríspidos e pouco eficazes. Com isso, e na ânsia de receber informações pessoalmente, Daniel vai a Agência Pública sem agendamento, estabelecendo contato com um funcionário (figura 1c) que explica que todo o procedimento de recursos, pedidos de benefícios e inscrições em vagas de emprego disponíveis é feito de forma remota por meio da internet.

Desolado, a personagem explica que não tem a mínima habilidade com computadores nem tampouco com internet, e o descaso com a situação é confirmado quando o funcionário pede para que ele se retire e que busque resolver seu caso de forma *online*. Ainda nesta cena, uma funcionária, que observa Daniel atônito, oferece uma água e pede que ele se sente para se recompor (figura 1d).

Enquanto descansa, Daniel presencia outra situação desumana, quando uma mãe com dois filhos pequenos é penalizada por chegar atrasada ao atendimento agendado (Figura 2a), por motivos inteiramente alheios ao seu controle. Katie é beneficiária de aluguel-social e havia recentemente sido transferida para Newcastle, uma cidade que ainda não conhecia e sem rede de contatos que a pudesse auxiliar com os filhos.

Figura 2 – Conhecendo Katie



Fonte: Fotograma do filme “Eu, Daniel Blake” (2015)

Assim, Daniel, que já estava indignado com o tratamento recebido, passa a defender Katie (figura 2b) e, juntamente com ela, são expulsos do local sem ter recebido a devida assistência (figura 2c). Ambos, unidos pela vulnerabilidade socioeconômica, passam a compartilhar suas histórias e a enfrentar adversidades ao mesmo tempo que fornecem apoio um ao outro (figura 2d).

Katie, desempregada e com poucos recursos, relata para Daniel que após ter sido despejada do apartamento que alugava em Londres, ela e os dois filhos passaram a morar em um único cômodo de um *hostal* social. Posteriormente, a personagem é remanejada pelo Estado para Newcastle, se vendo obrigada a transferir os filhos de escola e romper

laços com a comunidade em que vivia, sem garantia de acesso à alguma assistência e sem perspectiva de emprego. Katie menciona ainda que, pessoas pobres como ela estariam em situação de vulnerabilidade sendo obrigadas a deixarem sua antiga cidade, seu *habitat* em Londres, devido ao alto custo de se morar na capital, a falta de moradias sociais e a alta nos preços dos aluguéis.

É possível observar que este enredo retrata de forma sensível a segregação espacial e a falta de políticas públicas de moradias que ocasionam a expulsão das pessoas dos centros para as periferias ocasionando a perda de contatos e de redes de apoio dos lugares anteriormente vividos. Sobre o exposto, Rolnik (2015, p. 57) pontua:

a experiência britânica demonstra como o desmonte político, ideológico e econômico da habitação social e sua exportação para a esfera dos circuitos financeiros impactaram na redução do direito à moradia dos mais pobres e vulneráveis e na regressão das condições de moradia para as atuais gerações.

Em visita a casa de Katie (figura 3a e 3b), Daniel se impressiona com as precárias condições de habitabilidade de uma mãe solteira: ela habita um espaço sem assistência e com sérias avarias – bem distante do que se pode chamar de habitação. Na figura 3c, Daniel nota que, por ela não ter conseguido o auxílio desemprego, a energia da casa de Katie havia sido cortada, em virtude do atraso no pagamento.

Figura 3 – Visitando Katie



Fonte: Fotograma do filme “Eu, Daniel Blake” (2015)

É preciso pontuar que a narrativa deixa transparecer que a energia faz falta, não apenas na refrigeração dos mantimentos, mas também, na calefação que aquecia a família

que se vê em desespero em pleno o inverno que os atinge. Daniel se comove e acaba sendo solidário, realizando algumas manutenções com o pouco recurso que tem e ofertando um dinheiro para que a conta de energia fosse paga (figura 3d).

Sobre as distintas moradias que ambas as personagens vivem, é possível traçar um paralelo com os conceitos de "habitar" e "habitat" e a diferenciação que Lefebvre produz entre os termos e como eles são utilizados no contexto da percepção da vida urbana.

Para Lefebvre, "habitar" se refere à experiência vivida das pessoas em seu espaço cotidiano ligada ao valor de uso (do espaço, da casa, da cidade) e que envolve a interação, a prática e o uso do espaço por parte dos indivíduos. Já o termo *habitar*, historicamente pode ser entendido como “participar de uma vida social, de uma comunidade, aldeia ou cidade” (Lefebvre, 2016, p. 23).

Com isso, *habitar* se relaciona com a forma como as pessoas se apropriam do espaço, como o transformam e como são transformadas por ele. É um ato ativo e dinâmico, carregado de significados culturais, sociais e emocionais. Além disso, *habitar* enfatiza a dimensão qualitativa da vida cotidiana, tratando de como os espaços são sentidos e percebidos pelas pessoas que os utilizam, e não apenas de suas características físicas ou funcionais. Lefebvre destaca ainda a importância da relação afetiva e subjetiva com o espaço, algo que não pode ser facilmente quantificado ou padronizado.

No contraste desta discussão, a noção de "habitat" está vinculada a produção medida pelo valor de troca, destituída de seu verdadeiro sentido de *habitar*, resultando em moradias que carecem de um sentido de comunidade, como o exemplo de Katie demonstrado no filme.

Unindo a discussão de Lefebvre e a obra analisada é possível perceber que o *habitat* está atrelado à especulação imobiliária da vivenda como uma mercadoria, cujo valor está associado ao lucro financeiro em detrimento das possibilidades de se fazer cidade olhando o bem-estar social:

O *habitat*, ideologia e prática, foi instaurado pelo alto, pelo Estado, pelo planejamento, aplicação de espaço homogêneo e quantitativo obrigando o vivido a encerrar-se em caixas e gaiolas, chegando a reprimir as características elementares das maneiras de viver. Foi preciso uma reflexão metafilosófica para resgatar o *habitar*. Portanto, para reencontrar o vivido e os seus sentidos, é preciso ir além do vivido, do habitante, em direção à teoria geral (à metafilosofia), em relação com o possível e com o imaginário, no sentido de desvendar o fato de que a sociedade moderna produziu o *habitat* como a negação do *habitar* (Lefebvre, 2002, p.154).

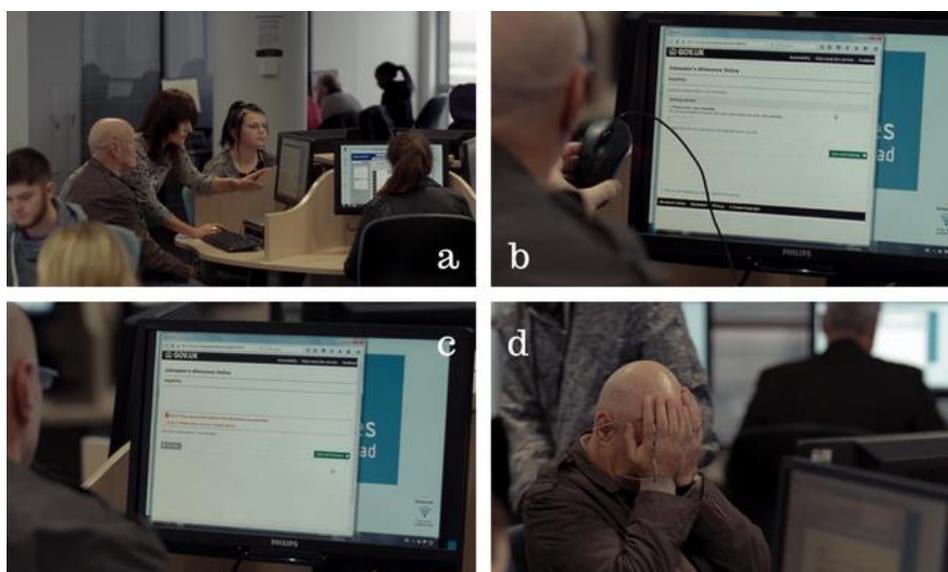
Enquanto o filme explora as habilidades manuais de Daniel (ou seja, suas potencialidades) ao mesmo tempo mostra seu defasamento em relação ao mundo (suas debilidades e incompatibilidades com a sociedade atual).

A dificuldade da personagem em realizar simples tarefas utilizando o computador é retratada na sequência que Daniel necessita preencher formulários *online* para solicitar o recurso em relação ao indeferimento de seu auxílio-doença e visita uma biblioteca.

Uma vez ali, recebe a ajuda da bibliotecária (figura 4a) e de jovens ao redor, porém não obtém sucesso (figura 4b), pois o próprio *site* do governo apresenta várias instabilidades, o que impede a personagem de dar continuidade com o procedimento (figura 4c) e a faz esgotar seu tempo disponível no uso do computador da biblioteca (figura 4d).

Extenuado, Daniel segue até a agência de Seguridade Social para buscar a ajuda da única funcionária (figura 4a) que o enxerga como um ser humano e que tenta auxiliá-lo, porém a mesma é repreendida por sua superior que alega que a funcionária está “criando precedentes”, ao dar atenção personalizada para um usuário.

Figura 4 – Formulário on-line



Fonte: Fotograma do filme “Eu, Daniel Blake” (2015)

Em sua jornada solitária, Daniel tenta cumprir as exigências burocráticas do Estado para receber os benefícios sociais e previdenciários a que tem direito. Por orientação do escritório de benefícios, ele passa horas diárias procurando emprego para comprovar sua incapacidade de encontrar trabalho. A encarregada exige que Daniel

preencha um formulário com as empresas visitadas, registrando dias e horas de suas tentativas, e alerta que ele deve comprovar pelo menos 35 horas de busca por emprego. Isso desumaniza Daniel, que é idoso e enfermo, e não tem condições físicas para cumprir essas exigências.

Incapaz de montar seu currículo, Daniel é encaminhado a um workshop onde o instrutor repete frases como "não há trabalho suficiente", "você precisa se destacar na multidão" e "provar que é dedicado". O instrutor destaca que, para oito vagas recentes, havia 1.300 candidatos. Ao frequentar o curso, Daniel percebe que o procedimento serve apenas para preencher horas e não faz sentido para sua situação desoladora.

Essa situação demonstra como a responsabilidade e a culpa pelo desemprego e pela saúde de Daniel são transferidas para ele, enquanto a tecnologia da informação, que deveria ajudar os cidadãos, é usada pelo Estado como uma forma de controle e exclusão.

Figura 5 – Banco de alimentos



Fonte: Fotograma do filme “Eu, Daniel Blake” (2015)

Para Daniel, a tecnologia se torna um obstáculo ao acesso a seus direitos, complicando ainda mais as já difíceis exigências burocráticas. O Estado, em vez de amparar os cidadãos, age como uma entidade que perpetua a pobreza e controla o tempo das pessoas.

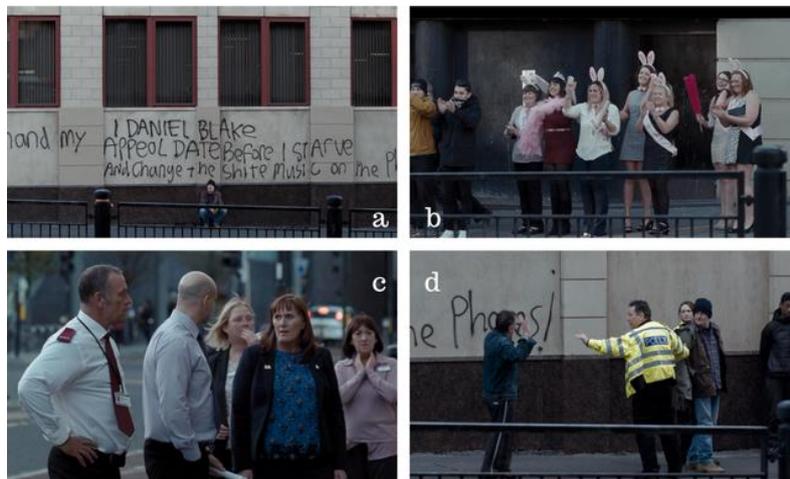
Apesar das dificuldades, Daniel mantém a esperança e continua a cumprir as exigências do escritório de benefícios. Paralelamente, ele fortalece sua amizade com Katie e seus filhos, tentando ajudá-los também. Em uma cena, Daniel e Katie recorrem a

um banco de alimentos mantido por uma igreja local (figura 5a e 5b). Katie, desesperada pela fome, se esconde e come uma lata de comida às pressas (figura 5c), chorando envergonhada quando é encontrada (figura 5d). Ela pede desculpas, dizendo: "Desculpem; eu estava com tanta fome...".

Importante ressaltar que uma reportagem do *The Guardian*, em 2017, confirma que a representação de Ken Loach em "Eu, Daniel Blake" é realista. O administrador de um banco de alimentos em Newcastle upon Tyne, Michael Nixon, afirma que muitas pessoas enfrentam situações ainda piores do que as mostradas no filme, tornando a narrativa uma "boa representação dos clientes que costumamos receber" (Kermode, 2016).

Após inúmeras tentativas frustradas de conseguir auxílio, Daniel, desiludido com a falta de resposta do Departamento, retorna ao local com uma lata de tinta spray (figura 6^a). Em um ato de revolta, ele escreve na fachada do prédio: "Eu, Daniel Blake, exijo a data do meu recurso antes que eu morra de fome e exijo a mudança da música de merda dos *call-centers*". Pessoas que passam defronte a agência pixada apoiam o protesto de Daniel (figura 6b), até que funcionários acionam a polícia (figura 6c) e Daniel é detido (figura 6d).

Figura 6 – Daniel protesta



Fonte: Fotograma do filme "Eu, Daniel Blake" (2015)

No desfecho da trama, Daniel sucumbe à inflexibilidade burocrática de um Estado incapaz de atender às necessidades materiais de seus cidadãos, refletindo a crise da sociedade pós-industrial e a perpetuação da pobreza e falta de oportunidades na urbanização.

Acerca do exposto, Henri Lefebvre, em 1968, já apontava a impossibilidade de dissociar urbanização de industrialização, afirmando que "é a vida urbana que dá o sentido da industrialização" (Lefebvre, 1991, p. 55). Ele questionava o futuro da sociedade industrial se não conseguisse produzir uma vida urbana plena, concluindo que restaria apenas "produzir por produzir", beneficiando a classe dominante.

Ainda sobre a obra de Ken Loach, depois de ser detido e vender seus móveis para conseguir dinheiro, Daniel, doente e enfraquecido, se distancia dos amigos e continua preocupado com a situação de Katie e finalmente, recebe a comunicação do agendamento de seu recurso.

No dia do julgamento, o advogado de Daniel, otimista, afirma que sua causa estaria ganha, bastando ele ser sincero nas respostas. Daniel, observando os juízes, comenta: "minha vida está nas mãos dessas pessoas". No fim, enquanto aguarda ser chamado, Daniel sofre um ataque cardíaco e falece minutos antes do julgamento.

Em seu velório, alguns poucos amigos de Daniel aparecem: Katie e seus filhos, seu vizinho e a funcionária Ann, que se mostra também abatida. Katie afirma, com olhos marejados: "Eu juro que este adorável homem tinha muito mais a oferecer. E o Estado o levou a uma morte precoce". Na sequência, ela prossegue com a leitura da carta que Daniel leria em seu recurso:

Não sou cliente, consumidor ou usuário de serviços. Não sou preguiçoso, parasita, mendigo nem ladrão. Não sou apenas um número de CPF ou um clique numa tela. Paguei o que devia com orgulho, nada menos. Não empino o nariz e olho meu vizinho nos olhos. E ajudo se puder: Não aceito, nem peço caridade. Meu nome é Daniel Blake. Sou um homem, não um cão. E como homem exijo meus direitos. Exijo que me tratem com respeito. Eu, Daniel Blake, sou um cidadão. Nada mais e nada menos. Obrigado (EU, DANIEL BLAKE, 2015. 01h38min04s).

Ao final, neste processo de empresariamento do Estado, com ênfase na austeridade econômica e desalento estatal, confirma-se a ideia de Lefebvre (1991) de que a grande empresa moderna vai além de ser apenas uma entidade econômica ou um conglomerado de unidades, exercendo também uma forte influência política.

Ela tende a penetrar na vida social, oferecendo sua própria racionalidade como modelo de organização e gestão para toda a sociedade. Essa empresa toma para si funções que antes pertenciam às cidades e que deveriam, no futuro, ser responsabilidade da sociedade urbana, como habitação, educação, promoção e lazer. O controle que exerce às vezes atinge níveis surpreendentes, nada escapando ao seu alcance provocando uma

verdadeira anulação da vida cotidiana, subordinando-a às suas demandas totalitárias e movendo-se em direção a uma cotidianidade hostil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do filme "Eu, Daniel Blake" à luz da crítica da vida cotidiana de Henri Lefebvre revela um retrato pungente das contradições e adversidades enfrentadas pela classe trabalhadora sob o atual estágio do neoliberalismo. Através da narrativa de Daniel Blake, um trabalhador marginalizado pelo sistema burocrático e tecnológico, Ken Loach destaca a desumanização e alienação que permeiam as instituições de bem-estar social, expondo o esvaziamento de interações humanas genuínas e a crescente mercantilização da vida urbana.

Henri Lefebvre, em sua obra, enfatiza a importância de compreender a vida cotidiana como um campo de conflitos entre o racional e o irracional, onde se manifestam as contradições do capitalismo contemporâneo.

A distinção entre "habitar" e "habitat" feita pelo autor é crucial para entender como a urbanização, impulsionada pela lógica do valor de troca, transforma espaços que antes eram locais de vivência comunitária em meros produtos de especulação imobiliária.

O filme de Loach ilustra vividamente essa transformação, mostrando como a reorganização espacial e a exclusão social afetam profundamente a vida das personagens, que lutam para manter sua dignidade e humanidade diante de um sistema opressor.

As cenas analisadas no filme, com auxílio do método decupagem narrativa, evidenciam o redirecionamento do Estado (sob a égide do capital) em não proporcionar um apoio efetivo aos cidadãos, refletindo a crítica de Lefebvre sobre a programação cotidiana e a instrumentalização da vida urbana.

A peregrinação de Daniel Blake pelos labirintos burocráticos e seu enfrentamento das barreiras tecnológicas simbolizam a luta de muitos trabalhadores que são deixados à margem, incapazes de acessar os direitos que lhes são devidos. A amizade entre Daniel e Katie, emergida de suas vulnerabilidades compartilhadas, representa um ato de resistência e solidariedade em meio à fragmentação social.

Ao final, a trágica morte de Daniel Blake e sua declaração *post-mortem* representam um grito de protesto contra a desumanização institucionalizada. A mensagem de Daniel ecoa a demanda por respeito e reconhecimento de sua humanidade, uma reivindicação por dignidade que ressoa profundamente com as teorias de Lefebvre. O filme de Ken Loach, ao mesmo tempo em que denuncia as injustiças do sistema

neoliberal, também propõe uma reflexão sobre a necessidade de reimaginar e reconstruir o espaço urbano e as relações sociais de maneira mais justa e inclusiva.

Com isso, é possível perceber que esta pesquisa reforça a relevância das ideias de Henri Lefebvre para a compreensão crítica das dinâmicas urbanas contemporâneas e das possibilidades de transformação social. A dialética presente em Lefebvre, aplicada à análise de "Eu, Daniel Blake", revela as contradições do presente e as potencialidades que podem emergir da luta cotidiana por um direito à cidade mais equitativo e humano.

Para finalizar, é possível notar ao longo do filme, o esvanecimento de interações e relações não mediadas pelo valor de troca com respectiva intolerância a pessoas de diferentes grupos sociais e o enfraquecimento das lutas pelo espaço urbano. Este fenômeno reforça “esse jogo complexo de repressão e de escapatórias, de opressões e de apropriações” que “preenche a história da vida cotidiana que apenas esboçamos” conforme apontamentos de Lefebvre (1991, p. 156).

REFERÊNCIAS

BREEN, J. *Design Driven Research*. In: DE JONG, T. M.; VAN DER VOORDT, D. J. M. (Eds.) *Ways to study and research urban, architectural and technical design*. Holanda: A-D Druk, 2002. Disponível em: https://ocw.tudelft.nl/wp-content/uploads/WTS_Preface_and_Introduction.pdf. Acesso em: 30 Fev. 2024.

CARLOS, Ana Fani. Henri Lefebvre: O espaço, a cidade e o direito à cidade. **Revista Direito e Práxis**. Rio de Janeiro, v. 11, n. 01, 2020, p. 349-369.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Editora Atlas, 1999.

HORNADAY, Ann. **Como falar sobre cinema. Um guia para apreciar a sétima arte**. Rio de Janeiro: BestSeller, 2021.

KERMODE, Mark. I, Daniel Blake review – a battle cry for the dispossessed. **The Guardian – Film**, 2016. Disponível em: <http://theguardian.com/film/2016/oct/23/i-daniel-blake-ken-loach-review-mark-kermode>>. Acesso em: abr 2024.

LEFEBVRE, Henri. **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo: Ática, 1991

_____. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2016.

_____. **A revolução urbana**. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

ROLNIK, Raquel. **Guerra dos Lugares**. São Paulo: Boitempo, 2015.

SAMPAIO, Jurema. **Usando filmes nas aulas de arte**. Rio de Janeiro: CRV, 2013.